

A EMANCIPAÇÃO FEMININA NO CONTEXTO ÉTICO DE JOHN STUART MILL

Luzia Cunha Cruz
Universidade Iguazu

RESUMO: O presente trabalho irá mostrar, mediante a obra de John Stuart Mill, *The subjection of women*, o papel da mulher em sua trajetória histórica através da visão ética do autor utilitarista.

PALAVRAS-CHAVE: J. Stuart Mill. Sujeição. Mulher. Ética.

Minhas irmãs e eu estamos paradas, abraçadas, rindo e enxugando as lágrimas uma das outras. O flash da polaroid dispara e meu pai me entrega o instantâneo. Minhas irmãs e eu observamos juntas em silêncio, ansiosas para ver o que vai revelar

Amy Tan.¹

A obra de Stuart Mill, *The Subjection of Women* (1869) nos revela uma grande preocupação do autor no que tange ao papel feminino no curso da história. Convém destacar que, em nenhum dos capítulos Mill faz apresentação de um título, porém, logo na abertura dos mesmos ele nos oferece uma visão panorâmica daquilo que irá abordar. Assim, o capítulo I nos aponta a argumentação sobre a existência e a duração por tantos anos da subordinação social da mulher. O segundo capítulo apresenta a argumentação contra a subordinação das mulheres no casamento no século XIX. O terceiro reflete sobre a competição das mulheres na realização de inúmeros trabalhos que existiam por costume ou lei. Por fim, no último capítulo ele sublinha a questão mais importante para o utilitarismo: qual é o ganho para a felicidade da humanidade, na garantia da emancipação social das mulheres.

Mill aposta no progresso da humanidade e na bondade humana. É baseando-se neste conceito particular que ele defende a igualdade dos sexos apontando a busca da felicidade para um número maior de pessoas conforme o pensamento utilitarista. Julgar o poderio de um sexo sobre o outro parece, segundo a defesa de Stuart Mill, bastante equivocado. Por isso, “It is useless for me to say that those who maintain the doctrine that men have a right to command and women

¹ Amy Tan, nasceu em Oakland, Califórnia em 1952. Tornou-se consultora de programas para crianças deficientes e mais tarde editora e escritora. Com o lançamento do livro *The Joy Luck Club (O Clube da Felicidade e da Sorte)*, foi consagrada como uma das maiores escritoras apontando a questão do gênero na literatura dos últimos tempos.

are under obligation to obey, or that men are fit for government and women unfit, are on the affirmative side of the question (...)”²

Todo pensamento apresentado acima está mapeado pelo fato de que tal colocação impediria o progresso da humanidade pois, se assim não o fosse, teríamos um número maior de pessoas felizes. Eis aqui, portanto, revelada a forte marca utilitarista de Mill: a felicidade para um maior número de pessoas.

Stuart Mill destaca a falta de reflexão racional para a subjugação do “sexo fraco”. Logo, tal atitude não nos revela fundamento. A explicação mais plausível, destacada pelo filósofo em questão, para que as mulheres sejam assim retratadas é oriunda do fato de que nas sociedades antigas apontou-se o fato de que, fisicamente, a mulher era mais fraca que o homem, pois,

(...) every woman (owing to the value attached to her by men, combines with her inferiority in muscular strength) was found in a state of bondage to some man. Laws and systems of polity always begin by recognising the relation they find already existing between individuals. They convert what was a mere physical fact into a legal right, give it the sanction of society.”³

Desta forma, Stuart Mill deixa evidenciada a sua luta pela emancipação da mulher e ratifica que argumentos irracionais não revelam a real capacidade das mulheres uma vez que somente a razão é capaz de emancipá-las. Logo, não se deve considerar a questão de poder de forças físicas bem como:

The opinion in favour of the present system, which entirely subordinates the weaker sex to the stronger, rests upon theory only; for there never has been trial made of any other; so that experience, in the sense in which it is vulgarly opposed to theory, cannot be pretended to have pronounced any verdict.⁴

² John Stuart Mill. *The Subjection of Women*, p. 2: “é inútil dizer que aqueles que mantêm a doutrina de que os homens têm o direito de comandar e as mulheres estão sob o jugo de obedecer, ou que os homens são preparados para governar e as mulheres despreparadas para fazê-lo é algo inconcebível.” A tradução é nossa.

³ Mill, *The subjection of women*, p. 5: “Toda mulher (possuidora de um valor determinado pelos homens, somado a sua inferioridade sob o aspecto da força muscular), foi colocada em um estado de escravidão por quase todos os homens. Assim, as leis e os sistemas políticos reconheceram deste o princípio as relações que eles encontraram já existentes entre os indivíduos. Portanto, os homens transformaram o que era um mero aspecto físico em um direito legal, atribuindo-lhe a sanção da sociedade.” A tradução é nossa

⁴ Mill, *The subjection of women*, p. 4: “A opinião a favor do presente sistema o qual subordina, inteiramente, o sexo mais fraco ao mais forte repousa sobre a teoria apenas, uma vez que nunca foi feito um inquérito judicial de nenhum dos sexos para que a experiência, no sentido de que vulgarmente se opõem à teoria, não pode aspirar pronunciar nenhum juízo.” A tradução é nossa.

Tal ideia nos remete a Cohen ao afirmar que “se existe dominação, dependência, exploração, existe imperialismo.”⁵ Mill, como podemos observar, até o momento coloca-se contra essa ótica imperialista sobre a mulher, isto é, a de que o sexo mais forte deva dominar o mais fraco usando a força para mostrar autoridade objetivando explorar toda a capacidade que o outro possa apresentar. Destarte, pelo fato de ser homem, ele atribuía a si próprio a categoria de sexo mais forte. Os homens consideravam-se como que uma raça superior a das mulheres. Portanto, de forma bastante clara na obra *The Subjection of Women*, Mill faz publicamente a denúncia do reinado masculino sobre o feminino. Assim, parafraseando Rutheford “a man who knows how to drill men can always be a king.”⁶ Podemos asseverar que os homens que sabem como adestrar mulheres podem sempre ser reis.

"Conhecer o lugar de uma pessoa é dizer o que esta é e faz e ao mesmo tempo por que deveria ser e fazer o que é e faz.”⁷ Para Mill tal asseveração apresenta-se como inadequada ou mesmo impossível uma vez que a longa existência da história das mulheres sempre foi, na realidade, uma criação das mentes masculinas que vem, por assim dizer, moldar o perfil da mulher em seu ser e agir. Destarte, é preciso elevá-la ao nível daquilo que é responsável pela emancipação de todos (homens e mulheres), a saber: a razão. E é justamente por isso que, em seu empenho para a emancipação das mulheres, Mill não aponta todas as mulheres, mas somente aquelas que fazem uso de habilidades intelectuais. Portanto, todos aqueles que apresentam tais habilidades devem ser tratados como iguais independentemente do sexo que tenham, pois “aquilo que é igual deve ser tratado de modo igual e o que é diferente deve ser tratado de modo diferente.”⁸

À luz desse princípio, John Stuart Mill não tolera a posição de inferioridade apontada ou, o que é pior, vivida pelas mulheres:

All causes, social and natural, combine to make it unlikely that women should be collectively rebellious to the power of men. They are so far in a position different from all other subject classes, that their masters require something more from them than actual service.(...) They have therefore put everything in practice to enslave their minds.

⁵ Cohen, Benjamin. A Questão do Imperialismo, p. 23

⁶ Rutheford, Andrew, p.111 “Um homem que sabe como adestrar homens poderá ser sempre um rei.” A tradução é nossa.

⁷ Said, p. 79.

⁸ Habermas, J. p. 200

(...) All women are brought up from the very earliest years in the belief that their ideal of character is the very opposite to that of men.⁹

Convém salientar que o oposto aqui pode ser traduzido como inferioridade diante daqueles que as induzem a pensar do jeito como eles querem, uma vez que “o que conta não é o que as pessoas são ou pensam, mas aquilo que se pode fazer para que elas sejam e pensem.”¹⁰ Portanto, faz-se necessário criar um espaço público onde as mulheres possam falar e representar-se por si mesmas.

Ora, todas essas colocações até aqui apresentadas no que tange à posição de inferioridade das mulheres na sociedade, são contrárias ao pensamento utilitarista de Stuart Mill, uma vez que uma boa ação é aquela capaz de trazer a felicidade para um número maior de pessoas. E se assim o é, como é possível considerar as ações dos homens em relação às mulheres como um ato bom? Se o número maior de pessoas poderia estar envolvido no bojo da felicidade, mas não está? Pois “a utilidade inclui não apenas a busca da felicidade, mas a prevenção ou mitigação da infelicidade.”¹¹ Nesta linha de argumentação, é impossível imaginar que as mulheres se vejam felizes sentindo-se inferiores aos homens, ou melhor, sendo colocadas como inferiores e, por conseqüência, assim, de fato, se sentindo. Diante desta constatação, Mill abre o caminho para o maior acesso social das mulheres. Logo no início de seu segundo capítulo, ele destaca ser o casamento “(...) being the destination appointed by society for women, the prospect they are brought up to, and the object which it is intended should be sought by **all of them**, except those who are too little attractive to be chosen by **any man** as his companion.”¹²

Tal afirmação é bastante reveladora, pois expõe em toda sua nudez o grande preconceito acerca das mulheres, ainda que como o próprio Stuart Mill sublinhe, não estejam incluídas todas as mulheres. Não fazendo parte, portanto, (as outras mulheres) daquele grande número de pessoas da prática utilitarista.

⁹ Mill, *The subjection of women*, p. 14: "Todas as causas quer sociais ou naturais encontram consonância para tornar improvável que as mulheres devam ser coletivamente rebeldes ao poder dos homens. Elas estão em uma posição bastante distantes e diferentes das outras classes e seus donos exigem mais das mesmas que o serviço atual (...) Eles têm colocado em prática tudo o que lhes é possível para escravizar as mentes femininas (...) Todas as mulheres são educadas, desde a mais tenra idade, na crença de que suas personalidades sejam muito opostas às dos homens."⁹ A tradução é nossa.

¹⁰ Said, p. 297

¹¹ Mill, *Utilitarismo*, p. 36

¹² Mill, *The subjection of women*, p. 29. “o destino apontado pela sociedade para as mulheres, a expectativa sobre a qual elas são educadas e o objeto intencionado, isto é, o casamento, deve ser aspirado por **todas elas**, exceto para

Como assinala Amy Tan,

É difícil conhecer as intenções de casamento de alguém quando não se pode expressar o que se pensa. Todos os pequenos indícios: as implicâncias, o autoritarismo, as palavras de censura, é por onde se sabe se as intenções são sérias. Mas só podíamos nos comunicar à maneira da nossa professora de inglês. Vejo um gato. Vejo um rato. Vejo um chapéu.¹³

Como a mulher poderia expressar aquilo que ela é e busca ser se, em última instância, sempre deve prevalecer as palavras de seu marido e tutor: “Sim senhor, não senhor”?

Percorrendo o pensamento do filósofo inglês focalizando a ética feminina, nos confrontamos ao término do capítulo III, em sua obra *The Subjection of Women*, com a afirmação de que as mulheres não podem, por si mesmas, se emanciparem sem que um número bastante considerável de homens estejam envolvidos neste empreendimento. Ora, quem melhor que as próprias mulheres para falarem sobre elas mesmas e representarem a si próprias? É bastante profícuo destacar as palavras do filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard ao ressaltar que o mistério da mulher é impenetrável ao gênero masculino ao afirmar que o coração dela é semelhante a um labirinto e somente ela possui o fio de Ariadne para retornar o caminho.¹⁴ Assim, vemos que Stuart Mill buscando encontrar apoio no ser masculino para fortificar o empreendimento feminino acaba por enfraquecer o mesmo, uma vez que somente as mulheres podem em seu âmago mais profundo representar-se a si mesmas cabendo aos homens aceitar e compreender, apenas, todo o processo de emancipação feminina e não serem colocados como condição *sine qua non* para a concretização do empreendimento em questão. Contudo, não se pode negar o empenho de Mill na busca da emancipação feminina destacado no escrito em estudo, seu apoio incondicional favorável a retirada das algemas do sexo feminino e seu esforço na luta pelo deslocamento do âmbito doméstico privado das mulheres para o âmbito público ainda que nas entrelinhas de seu discurso, Mill não se dirija a todas as mulheres sem exceção, mas somente àquelas que têm poder econômico: “The power of earning is essential to the dignity of a woman, if she has no independent property.”¹⁵

aquelas que são muito pouco atraentes para serem escolhidas por qualquer homem como seu companheiro.” O grifo e a tradução são nossos.

¹³ Amy Tan. *O Clube da Felicidade e da Sorte*, p. 283.

¹⁴ Para aprofundamento ver: VELOCCI, Giovanni. *La Donna in Soren Kierkegaard*, p. 157-160.

¹⁵ Mill, J. S. *The subjection of women* p.47: “O poder de ganhar dinheiro é fundamental para a dignidade de uma mulher se ela não possuir nenhuma propriedade.” A tradução é nossa.

Traçando o perfil da referida obra de Mill, observa-se que o filósofo coloca ênfase na permanência das mulheres no âmbito doméstico. Isto nos remete a uma possível constatação de que ele era possuidor de um forte compromisso moral com aquilo que pensava. Assim, a igualdade para todos (homens e mulheres) fica atrelada a este comprometimento. Não obstante isso, cabe ressaltar que Mill foi, de fato, um grande inovador a favor da emancipação das mulheres, sobretudo ao destacar que são capazes de exercer quaisquer profissões. Ele aposta na capacidade intelectual das mulheres, mas por fim acaba por afirmar que elas preferem, por livre decisão, renunciar às suas habilidades intelectuais e se dedicarem à educação de seus filhos e marido:

With regard to the fitness of women, not only to participate on elections, but themselves to hold offices or practice professions involving important public responsibilities; I have already observed that this consideration is not essential to the practical question in dispute: since any woman, who succeeds in an open profession, proves by that very fact that she is qualified for it. And in the case of public offices, if the political system of the country is such as to exclude unfit men, it will equally exclude unfit women: while if it is not, there is no additional evil in the fact that the unfit persons whom it admits may be either women or men. As long therefore as it is acknowledged that even a few women may be fit for these duties, the laws which shut the doors on those exceptions cannot be justified by any opinion which can be held respecting the capacities of women in general. But, though this last consideration is not essential, it is far from being irrelevant. Na prejudiced view of it gives additional strength to the arguments against the disabilities of women, and reinforces them by high considerations of practical utility.¹⁶

Em suma, a emancipação da mulher é possível e necessária para Mill, contanto que ela não interfira na função primordial da mulher a qual a coloca como voltada em primeiro lugar para o outro, isto é, esposo e filhos, mas nunca para si mesma.

E assim, rememorando o pensamento de Amy Tan, podemos concluir que somente as mulheres enxugando as lágrimas umas das outras podem com as mesmas lágrimas limpar a lente

¹⁶ MIL. J. S. *The Subject of women*, p 52: "No que tange as mulheres, não apenas por participar das eleições, mas por assumir cargos públicos ou práticas profissionais envolvendo importantes responsabilidades públicas, já destaquei que esta consideração não é essencial para questão prática dessa discussão, uma vez que qualquer mulher, que obtenha sucesso em uma profissão liberal, prova por este fato que é qualificada para tal. No caso dos cargos públicos, se o sistema político do país se constitui de forma a excluir os homens sem aptidões, também irá excluir as mulheres não aptas para tal. Enquanto tal idéia permanece, não há dano algum o fato de que pessoas que o sistema considere não aptas não sejam admitidas, quer mulheres ou homens. Contudo, reconhecido que mesmo poucas mulheres sejam aptas para estes deveres, as leis as quais fecham as portas para aquelas exceções, não podem ser justificadas por nenhuma opinião que possa ser assegurada no que tange a capacidade das mulheres em geral. Embora, esta última consideração não seja essencial, esta longe de ser irrelevante. Uma visão sem preconceito sobre o assunto oferece suporte aos argumentos contra as inaptidões das mulheres e as reforçam pela considerações mais elevadas da utilidade prática". A tradução é nossa.

da *polaroid* da vida e em silêncio desvelar ao mundo toda a potencialidade oculta de seu esplendor feminino!

Referências bibliográficas:

COHEN, Benjamin. J. *A Questão do Imperialismo: a economia política da dominação e dependência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre a facticidade e validade*, v. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

MILL, John Stuart. *The subjection of women*. New York: Dover Publications, 1997.

_____. *Utilitarismo*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

RUTHEFORD, Andrew. *Selected stories by Rudyard Kipling*. London: Penguin, 1987.

SAID, Edward. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Orientalism*. New York: Vintage Books, 1979.

TAN, Amy. *O clube da felicidade e da sorte*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. *The joy luck club*. London: Vintage, 1998.

VELLOCI, Giovanni. *La Donna in Kierkegaard*. L'Aquila: L.U. Japadre Editore, 1980.

The Female Emancipation in the Ethical Context of John Stuart Mill

Luzia C. Cruz
Universidade Iguazu

Abstract: This article will show how, in the work *The subjection of women*, by John Stuart Mill, the role of women in their course of history is shown, according to the ethical view of the utilitarian author.

Key words: John Stuart Mill. Subjection. Women. Ethics.
